Capítulo 16

Termo 1

Espeusipo

Que Espeusipo parece seguir mais os pitagóricos do que Platão na posição dos princípios matemáticos.

Termo 2

Ciência

Que todas as ciências, ao desejar algum bem e ao investigar aquilo de que carecem, deixam de lado o conhecimento do próprio universal; e, ainda que todos os artífices ignorem tal auxílio e nem sequer o investiguem, isso não é bem racional.

Que a ciência é um conhecimento certo e se ocupa das coisas necessárias que são não geradas.

Que a ciência é um hábito demonstrativo causado pela demonstração e por quaisquer outras causas expostas nos *Analíticos.*

Que à ciência não pertence a retidão.

Que nada é melhor do que a ciência, é manifesto.

Que a ciência é dupla: em hábito e em ato.

Sobre a ciência estabelece três divisões: em hábito e em ato, em universal e em particular, e em hábito ligado e não ligado.

Termo 3

O sábio

Que o sábio, como disse Sócrates, não é arrastado pelas paixões.

Termo 4

Sono

Que no sono de modo algum se manifestam os bons e os maus, porque, como dizem os homens, durante metade da vida em nada diferem os felizes dos miseráveis.

Que o sono é o repouso da alma no que ela tem de estudiosa e de perversa.

Termo 5

O soberbo

Que o soberbo e o que finge coragem se assemelham ao audaz, porque agem diante das coisas terríveis; mas não as suportam, razão pela qual muitos deles são temerosos.

Termo 6

Saúde

Que a saúde admite o mais e o menos, visto que não há uma só medida de saúde em todos os homens.

Termo 7

Sofistas

Que os sofistas, para parecerem sábios, querem argumentar coisas inopináveis.

Que alguns sofistas prometem ensinar a política, os quais, contudo, não agem segundo ela; mas antes praticam certas coisas políticas ao conviverem na vida civil, os quais parecerão fazer isso por certa capacidade e por experiência, mais do que por uma operação intelectual.

Que os sofistas, se fossem políticos, seria racional que agissem na vida civil e que formassem amigos, ou filhos, ou quaisquer outros como políticos, porque não poderiam deixar às cidades nada de melhor do que fazê-los políticos, nem a si mesmos do que agir politicamente.

Que os sofistas parecem estar muito longe não só do exercício, mas também da ciência da doutrina política, porque não sabem qual seja a ciência política nem sobre quantas coisas ela se considera.

Que os sofistas afirmavam ser a política o mesmo que a retórica.

Que os sofistas não cumprem o que prometem e por isso são convenientemente acusados.

Termo 8

Discursos

Que, se os discursos que concordam nas coisas operáveis concordam com as obras, deve-se assentir a eles; mas, se discordam, devem ser recebidos apenas como coisas leves que ressoam no ar.

Que os discursos nesta ciência não bastam para conduzir a este fim, isto é, para tornar os homens estudiosos, porque, se fossem suficientes, então aqueles que os ensinam seriam dignos de grande remuneração.

Que os discursos morais exortatórios, ainda que provoquem o jovem liberal ao bem e o tornem de fato amante do bem pela virtude, contudo, quanto a muitos que não nasceram para obedecer ao pudor, mas ao temor e à pena, porque, ao perseguirem os próprios prazeres como um bem em si, não podem ser transmutados para o bem.

Que o discurso e a doutrina por si sós não bastam para tornar os homens estudiosos, porque os que vivem segundo as próprias paixões não podem ser persuadidos; e por isso é preciso que a alma esteja preparada para se alegrar nos bens e odiar os males pelo costume, assim como a terra não nutre bem a semente, a não ser que seja bem cultivada.

Termo 9

Discursos

Que os discursos devem ser buscados segundo a matéria.

Que o discurso particular sobre as coisas operáveis carece de certeza e não recai sob a arte.

Que os discursos universais são mais comuns, mas os particulares são mais verdadeiros.

Que os discursos sobre as paixões e as ações são menos dignos de crédito do que as obras.

Que os discursos verdadeiros são utilíssimos não somente para o saber, mas também para a vida, pois, sendo conformes às obras de quem os pronuncia, merecem crédito e incitam os que os entendem a viver segundo eles mesmos.

Que os discursos de Eudoxo eram acreditados mais por causa da virtude de seu caráter do que por si mesmos.

Termo 10

Sinal

Que o sinal do hábito gerado deve produzir prazer ou tristeza que sobrevêm na obra.

Termo 11

Saber

Que o saber para as virtudes pouco ou nada pode.

Termo 12

Seis

Que seis é o meio segundo a coisa, pois excede e é excedido igualmente; e isto segundo a proporção aritmética.

Termo 13

Superfluidade

Que a superfluidade e o defeito corrompem, ao passo que o meio conserva.

Termo 14

Superabundâncias

Que das superabundâncias e dos defeitos não há meio, porque então haveria uma superabundância da superabundância e um defeito do defeito.

Termo 15

Os anciãos

De que modo os anciãos do povo se portavam em relação a Helena.

Que os anciãos e os severos não são inclinados a amar, pois é pouco o que neles há de deleite; com efeito, ninguém pode conviver durante o dia com alguém triste ou não deleitável, porque a natureza foge do triste e apetece o deleitável.

Que os anciãos e os severos tanto menos se tornam amigos quanto mais são intratáveis e menos se alegram com as conversas; pois estas coisas parecem ser sobretudo amigáveis e produtoras de amizade; e por isso os jovens, que estão muito nas alegrias, logo se tornam amigos, mas os anciãos não, nem os severos.

Que devemos honra aos anciãos, levantando-nos e inclinando-nos.

Termo 16

Sentir

Que sentir e entender são deleitáveis, pois todo aquele que vê e ouve e entende sente e percebe que faz isto; ora, quem sente que sente, sente que vive e que é; e ser e viver são o que há de mais deleitável, pois viver é um bem por si mesmo.

Termo 17

As coisas sensíveis

Que as coisas sensíveis não podem ser determinadas facilmente, porque o juízo sobre elas está no sentido.

Termo 18

Para os sadios

Que para os sadios de corpo são sadias aquelas coisas que são absolutamente sadias, mas para os enfermos outras coisas.

Termo 19

O virtuoso

Que o virtuoso, querendo, não pratica coisas más.

Termo 20

Ciência

Que a ciência parece ser a mesma dos contrários.

Termo 21

Sólon

Que Sólon disse: para que se seja feliz, é preciso considerar o fim.

Que Sólon disse que aqueles que possuem moderadamente os bens exteriores podem agir segundo a virtude que é preciso.

Termo 22

Sabedoria

Que a sabedoria é a mais certa das ciências.

Que a sabedoria é universal, e não é algo particular, como disse Homero no *Margites.*

Que a sabedoria é a cabeça das ciências e por isso versa sobre as coisas mais honoráveis.

Que a sabedoria não versa sobre as coisas úteis, pois assim haveria muitas sabedorias.

Que a sabedoria nada especula a partir do que o homem se tornará feliz.

Que a sabedoria, sendo parte da virtude total, torna feliz no possuí-la e no operar.

Que a sabedoria é mais digna do que a prudência, como mostra pela razão e pelo exemplo.

Termo 23

O sábio

Que ninguém é sábio por natureza.

Que o sábio especulativo, salvo as coisas necessárias à vida das quais todos precisam e das quais ele se contenta com pouco, é por si mesmo o mais autossuficiente para especular, ainda que para o seu bem-estar seja útil a companhia dos que filosofam com ele.

Que ao sábio pertence tudo o que foi dito acerca do homem feliz e contemplativo, e por isso será o mais amado por Deus e feliz segundo a sua operação.

Termo 24

Especular

Que especular por vezes prejudica a saúde.

Que o que especula não tem necessidade de nenhuma dessas coisas, isto é, das exteriores, para a operação, mas elas são impedimentos à especulação; porém, enquanto é homem e vive com muitos, terá necessidade de tais coisas para conviver humanamente.

Termo 25

Especulação

Que a especulação humana, que é a mais feliz, é a mais afim e a mais semelhante à divina, a qual por sua eminência difere de todas.

Que até onde se estende a especulação, estende-se também a felicidade; e aqueles que mais especulam são também mais felizes, não por acidente, mas segundo a especulação.

Termo 26

O sentido

Que não adquirimos os sentidos por ver e ouvir muitas vezes, mas, ao contrário, tendo-os deles nos servimos.

Que nada difere dizer que o sentido opera ou que opera aquilo em que está o sentido, isto é, o animal.

Que o sentido não é ato dominativo.

Termo 27

O científico

Sobre o científico e o raciocinativo.

Termo 28

A suspeita

Que a suspeita e a opinião não são virtudes.

Termo 29

A sínese

Que a sínese versa sobre aquilo de que alguém duvida e delibera; e por isso é acerca das mesmas coisas que a prudência.

Que a sínese apenas julga.

Termo 30

Os anciãos

Que os anciãos, os experientes e os prudentes, por terem visão límpida, veem eficazmente pela experiência os princípios das coisas operáveis que os outros não veem.

Termo 31

Saber

Que o saber não torna mais operativo.

Termo 32

Sócrates

Que Sócrates dizia que todas as virtudes são prudências, e nisto errava; mas, ao dizer que não existem sem prudência, nisto dizia bem.

Termo 33

O silogismo

Que no silogismo do continente e do incontinente é preciso que haja quatro proposições.

Termo 34

Sátiro

Que Sátiro, que foi cognominado Filópator, superabundou no amor ao pai a tal ponto que parecia delirar.

Termo 35

Superabundância

Que as superabundâncias dos prazeres naturalmente desejáveis são más e devem ser evitadas.

Que as superabundâncias de malícia ou de insensatez da natureza humana não são malícias absolutamente, mas bestiais ou mórbidas.

Termo 36

Absolutamente

Que absolutamente é o que é por si, e sob certo aspecto o que é por acidente.

Termo 37

Espécies de comportamentos

Que as espécies de comportamentos a serem evitados são três: a malícia, a incontinência e a bestialidade.

Revision #2
Created 11 October 2026 19:23:48 by Admin
Updated 17 October 2026 18:26:12 by Admin